

# LEVANTAMENTOS FLORÍSTICOS E ESTRUTURAIS EM BAURU E MUNICÍPIOS LIMÍTROFES NOS ÚLTIMOS 20 ANOS

Juliano Ricardo Fabricante<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Curso de Ciências Biológicas  
– Universidade do Sagrado  
Coração, Bauru-SP

FABRICANTE, Juliano R. Levantamentos florísticos e estruturais em Bauru e municípios limítrofes nos últimos 20 anos, *Salusvita*, Bauru, v. 22, n. 2, p. 283-292, 2003.

## RESUMO

*O objetivo do presente trabalho foi compilar os levantamentos florísticos e fitossociológicos realizados em Bauru e Municípios limítrofes nos últimos 20 anos. Constatou-se a grande importância que exercem as “Leguminosae” nas sinúcias analisadas, assim como as espécies “Copaifera langsdorffii” Desf., “Vochysia tucanorum” Mart. e “Ocotea pulchella” Mart.. A maioria dos trabalhos se concentrou nos estratos superiores da vegetação, acarretando na necessidade de maiores estudos das espécies de sub-bosque que integram estas comunidades. A grande variedade fitofisionômica ocorrente na região alerta para a incessante necessidade de estudos e conservação desta incomensurável riqueza genética.*

PALAVRAS-CHAVE: *florística; fitossociologia; Região de Bauru*

## INTRODUÇÃO

Qualificar e quantificar uma vegetação tem a finalidade de classificar e, principalmente, compreender o habitat analisado, fornecendo subsídios que possibilitem o seu manejo adequado (STRANG, 1970).

Estudos deste caráter em Bauru e suas imediações se tornaram mais comuns nos últimos anos, porém, aquém do necessário, principalmente, devido à situação desta vegetação.

Recebido em: 10/07/2003  
Aceito em: 15/03/2004

Segundo o Instituto Florestal (2002), órgão da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, restam somente 99.390 ha de áreas nativas na Região Administrativa de Bauru, onde, conforme Serra Filho et al. (1974) no início dos anos 70, estas áreas cobriam uma extensão de aproximadamente 1.572.000 ha.

Embasado nestes dados, a perspectiva é de que, até o final dessa década, restarão apenas os fragmentos protegidos por lei, que representam números inexpressivos para assegurar a preservação da biodiversidade local.

O objetivo deste trabalho foi revisar os levantamentos florísticos e fitossociológicos feitos nos últimos 20 anos em Bauru e seus Municípios limítrofes, contribuindo desta forma com uma avaliação mais ampla da flora regional estudada até então e, sobretudo, indicando possíveis pontos que necessitem de maiores estudos.

FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
limítrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.

## CLIMA E SOLO

Os dados climáticos mais recentes para a Região de Bauru foram apresentados por Bertoncini (1996), caracterizando-o como Cwa de acordo com a classificação de Köppen: mesotérmico de inverno seco e verão chuvoso. A precipitação média é de 1.464 mm ao ano; a média das temperaturas máximas é de 27,7°C, enquanto a das mínimas é de 16,0°C. As temperaturas mais elevadas ocorrem nos meses de fevereiro e março, e as mais baixas em junho e julho. Os dados climáticos referem-se a um período de 30 anos para precipitação (1963-1993) e de 20 anos para temperatura (1974-1993), obtidos pela referida autora, na Estação Meteorológica de Piatã, localizada na Fazenda Monte Alegre, pertencente à Empresa Florestal Duraflores S. A., no Município de Agudos, Estado de São Paulo.

O solo da Região pertence à unidade Latossolo Vermelho Escuro Fase Arenosa (COMISSÃO DE SOLOS, 1960).

## HISTÓRICO, LOCAIS E FISIONOMIAS ESTUDADAS

A partir da década de 80 que surgiram os primeiros trabalhos que realmente avaliaram qualitativamente e quantitativamente as fitocenoses regionais, porém uma década depois que se intensificaram estudos deste caráter.

Para o Cerrado e suas variações fitofisionômicas, têm-se os trabalhos realizados por Ferracini et al. (1983), Cavassan (1990),

FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
limítrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.

Koch et al. (1990) e Christianini e Cavassan (1998) no Município de Bauru, Bertoncini (1996), Paschoal e Montanholi (1997) e Fabricante (2002) no Município de Agudos.

Em Floresta Estacional Semidecidual (FES), têm-se os estudos de Cavassan (1982), Cavassan et al. (1984) em Bauru, Camargo (1999), e Christianini (1999) em Agudos.

Há também as pesquisas de Coral et al. (1990), Cavassan et al. (1993) e Paschoal (1994) em área de transição entre Cerradão e FES, de Paschoal e Cavassan (1999) em Floresta Latifoliada Higrófila (FLH), e Miranda (2000) em Mata Ciliar. Este último desenvolvido no Município de Avai, o restante em Agudos.

Todos estes trabalhos, com exceção do realizado por Christianini e Cavassan (1998), tratavam-se dos estratos superiores da vegetação (TABELA 1).

TABELA 1 - Lista parcial de autores, caráter do estudo, estratos estudados

Autor / Ano	Caráter	Estrato*
Cavassan (1982)	Estrutural	Arb.
Ferracini et al. (1983)	florístico e estrutural	arbs.-arb.
Cavassan et al. (1984)	Estrutural	arb.
Cavassan (1990)	florístico e estrutural	arb.
Koch et al. (1990)	Florístico	arbs.-arb.
Coral et al. (1991)	florístico	arbs.-arb.
Cavassan et al. (1993)	Estrutural	arbs.-arb.
Paschoal (1994)	Estrutural	arbs.-arb.
Bertoncini (1996)	florístico e estrutural	arbs.-arb.
Paschoal e Montanholi (1997)	Florístico	arbs.-arb.
Christianini e Cavassan (1998)	Florístico	herb.-sub.
Camargo (1999)	florístico e estrutural	arbs.-arb.
Christianini (1999)	florístico e estrutural	arb.
Paschoal e Cavassan (1999)	florístico e estrutural	arb.
Miranda (2000)	florístico e estrutural	arbs.-arb.
Fabricante (2002)	florístico e estrutural	arbs.-arb.

\* Arb. = arbóreo; arbs. -arb = arbustivo-arbóreo; herb. -sub = herbáceo-subarbustivo; DAP = diâmetro a altura do peito.

Provavelmente, existam outros estudos desenvolvidos na região que não foram citados, devido a não-publicação, ou ainda, o local onde os mesmos foram publicados, apesar do grande número de fontes consultadas.

Outros não foram mencionados em razão de seus objetivos: identificação das espécies as margens de trilhas para a elaboração de programas de Educação Ambiental (PASCHOAL; CORREA,

1996; CORREA; PASCHOAL, 1998), ou ainda estudos que visaram um único táxon: *Bromeliaceae* (SOUZA, 1993), *Apocynaceae* (KOCH, 1994), *Orchydaceae* (MARTINS; CAVASSAN, 1996) e *Melastomataceae* (ASSIS, 1997).

FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
limítrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.

## FAMÍLIAS E ESPÉCIES MAIS RELEVANTES

Nos estudos de caráter florístico (TABELA 1), foram considerados para a elaboração das tabelas subseqüentes das famílias e espécies mais relevantes, a porcentagem de espécies por família (para família) e a porcentagem de indivíduos por espécie (para espécie).

Para os trabalhos com caráter estrutural (TABELA 1), considerou-se o Índice do Valor de Importância (IVI) das famílias e espécies.

Através da TABELA 2, que dispõe as três famílias mais relevantes de cada pesquisa citada, destacam-se independentemente da fitofisionomia as popularmente chamadas leguminosas (*Mimosaceae*, *Fabaceae* e *Caesalpiniaceae*), além das famílias *Myrtaceae*, *Rubiaceae*, *Lauraceae* e *Vochysiaceae*.

TABELA 2 - Lista parcial de autores e respectivas famílias mais relevantes.

Autor / Ano	Famílias mais relevantes
Cavassan (1982)	<i>Mimosaceae</i> , <i>Fabaceae</i> e <i>Apocynaceae</i>
Ferracini et al. (1983)	<i>Vochysiaceae</i> , <i>Rubiaceae</i> e <i>Annonaceae</i>
Cavassan et al. (1984)	<i>Mimosaceae</i> , <i>Fabaceae</i> e <i>Apocynaceae</i>
Cavassan (1990)	<i>Caesalpiniaceae</i> , <i>Rubiaceae</i> e <i>Vochysiaceae</i>
Koch et al. (1990)	<i>Leguminosae*</i> , <i>Rubiaceae</i> e <i>Vochysiaceae</i>
Coral et al. (1991)	<i>Myrtaceae</i> , <i>Lauraceae</i> e <i>Fabaceae</i>
Cavassan et al. (1993)	<i>Lauraceae</i> , <i>Vochysiaceae</i> e <i>Myrtaceae</i>
Paschoal (1994)	<i>Lauraceae</i> , <i>Vochysiaceae</i> e <i>Myrtaceae</i>
Bertoncini (1996)	<i>Vochysiaceae</i> , <i>Myrcinaceae</i> e <i>Ochnaceae</i>
Paschoal e Montanholi (1997)	<i>Myrtaceae</i> , <i>Malpighiaceae</i> e <i>Asteraceae</i>
Christianini e Cavassan (1998)	<i>Rubiaceae</i> , <i>Myrtaceae</i> e <i>Melastomataceae</i>
Camargo (1999)	<i>Mimosaceae</i> , <i>Apocynaceae</i> e <i>Sterculiaceae</i> (1) <i>Fabaceae</i> , <i>Sterculiaceae</i> e <i>Myrtaceae</i> (2)
Christianini (1999)	<i>Caesalpiniaceae</i> , <i>Rubiaceae</i> e <i>Lauraceae</i> (3) <i>Rubiaceae</i> , <i>Euphorbiaceae</i> e <i>Caesalpiniaceae</i> (4)
Paschoal e Cavassan (1999)	<i>Clusiaceae</i> , <i>Anacardiaceae</i> e <i>Magnoliaceae</i>
Miranda (2000)	<i>Mimosaceae</i> , <i>Euphorbiaceae</i> e <i>Meliaceae</i>
Fabricante (2002)	<i>Myrtaceae</i> , <i>Apocynaceae</i> e <i>Asteraceae</i>

\* o autor utilizou a Classificação de Cronquist (1988); (1) - base da "cuesta"; (2) - topo da "cuesta"; (3) - inclusão DAP; (4) - inclusão fuste.

O sucesso das leguminosas na colonização destes locais pode estar ligado a sua capacidade de associar-se a fungos micorrizicos que as auxiliam na obtenção de nutrientes nitrogenados (CAVASSAN, 1982; MARTINS, 1991), uma vez que estes nutrientes são escassos em solos areníticos, como é o da região (CORAL et al., 1991; CAVASSAN et al., 1993).

*Myrtaceae*, *Rubiaceae* e *Lauraceae*, que são famílias cosmopolitas (JOLY, 1998), são citadas por Leitão Filho (1982) como importantes para a diversidade florística nas matas do Estado de São Paulo. *Myrtaceae* abrange, ainda, segundo Castro (1994 apud CAVASSAN, 2002), todo o domínio de Cerrado, a família mais representativa do estrato arbustivo-arbóreo, com 198 espécies.

*Vochysiaceae* tem uma distribuição bem mais discreta, ocorrendo principalmente em formações savânicas brasileiras (GOODLAND; FERRI, 1979; JOLY, 1998). Ainda em cerrado, esta família, juntamente com *Rubiaceae*, é de elevada importância ecológica, pois, conforme Goodland e Ferri (1979), são grandes acumuladoras de alumínio. Este íon tem grande acuidade nos solos desta fisionomia. Seu principal efeito é o de aumentar a acidez, que, por sua vez, provoca deficiência nutricional.

Como pode ser observado na TABELA 3, há uma considerável variação das espécies mais importantes nas diferentes fitocenoses estudadas.

TABELA 3 - Lista parcial de autores e respectivas espécies mais relevantes.

Autor / ano	Espécies mais relevantes
Cavassan (1982)	<i>Acacia polyphylla</i> DC., <i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil. e <i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.
Ferracini et al. (1983)	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart., <i>Palicourea rigida</i> Kunth e <i>Xilopia aromática</i> Mart.
Cavassan et al. (1984)	<i>Acacia polyphylla</i> DC., <i>Chorisia speciosa</i> A. St.-Hil. e <i>Aspidosperma polyneuron</i> Müll. Arg.
Cavassan (1990)	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., <i>Coussarea hydrangeaefolia</i> B. & Hook. e <i>Siparuna guianensis</i> Aubl.
Koch et al. (1990)	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., <i>Coussarea hydrangeaefolia</i> B. & Hook. e <i>Vochysia tucanorum</i> Mart.
Coral et al. (1991)	<i>Ocotea pulchella</i> Mart., <i>Rapanea guianensis</i> Aubl. e <i>Myrciaria floribunda</i> (West ex Willd) O. Berg
Cavassan et al. (1993)	<i>Ocotea pulchella</i> Mart., <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. e <i>Vochysia tucanorum</i> Mart.
Paschoal (1994)	<i>Ocotea pulchella</i> Mart., <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. e <i>Vochysia tucanorum</i> Mart.
Bertoncini (1996)	<i>Vochysia tucanorum</i> Mart., <i>Rapanea umbellata</i> (Mart.) Mez e <i>Ouratea spectabilis</i> Engl.
Paschoal e Montanholi (1997)	<i>Diospyros hispida</i> DC., <i>Coussarea hydrangeaefolia</i> B. & Hook. e <i>Gochnatia polymorfa</i> (Less.) Cabrera
Christianini e Cavassan (1998)	<i>Myrcia lingua</i> (O. Berg) Mattos & D. Legrand, myrtaceae 1 e <i>Ocotea</i> sp.
Camargo (1999)	<i>Parapiptadenia rigida</i> (Benth.) Brenan, <i>Tabernaemontana catharinensis</i> A. DC. e <i>Gazuma ulmifolia</i> Lam. <sup>(1)</sup> <i>Gazuma ulmifolia</i> Lam., <i>Machaerium nyctitans</i> (Vell.) Benth. e <i>Campomanesia guaviroba</i> (DC.) Kiaersk. <sup>(2)</sup>
Christianini (1999)	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf., <i>Coussarea contracta</i> (Walp.) Müll. Arg. e <i>Myrcia multiflora</i> (Lam.) D.C. <sup>(3)</sup> <i>Coussarea contracta</i> (Walp.) Müll. Arg., <i>Copaifera langsdorffii</i> Desf. e <i>Actinostemon conceptionis</i> (Chodat & Hassl.) Hochr. <sup>(4)</sup>
Paschoal e Cavassan (1999)	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess., <i>Tapirira guianensis</i> Aubl. e <i>Talauma ovata</i> A. St.-Hil.
Miranda (2000)	<i>Inga vera</i> Willd., <i>Sebastiania commersoniana</i> (Baill.) L.B. Sm. & Downs e <i>Guarea macrophylla</i> Vahl
Fabricante (2002)	<i>Campomanesia pubescens</i> Berg., <i>Tabernaemontana australis</i> Muell. Arg. e <i>Gochnatia barroisi</i> Cabrera

(1) - base da “cuesta”; (2) - topo da “cuesta”; (3) - inclusão DAP; (4) - inclusão fuste

FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
limítrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.

Indiscutivelmente, em cada área algumas espécies exercem maior influência no meio do que outras, porém, parece lógico a elevada importância que possuem *Copaifera langsdorffii* Desf., *Vochysia tucanorum* Mart. e *Ocotea pulchella* Mart. na região, não só pelos altos índices estatísticos (frequência, densidade, IVI, etc.) obtidos em alguns levantamentos, mais também por ocorrerem na maioria dos locais estudados.

Deve-se admitir que os variados critérios de inclusão e métodos de amostragem adotados nos trabalhos citados possivelmente sejam responsáveis por algumas das diferenças entre os resultados obtidos. Em contrapartida, estas diferenças são perfeitamente justificáveis pela presença de distintas fitofisionomias em uma área relativamente pequena.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do bom número de pesquisas realizadas, ainda há a necessidade de maiores informações sobre esta vegetação, principalmente no que tange espécies de sub-bosque como sub-arbustos, ervas terícolas, lianas e epífitas. Estes indivíduos são de relevante valor para a manutenção das sinúsias ao qual pertencem, aumentando a diversidade biológica e influenciando no equilíbrio interativo entre as espécies.

Indubitavelmente, ao pensar em recompor uma área degradada, deve-se haver a preocupação de fazê-lo o mais fiel possível da formação original, por isso reintegrar estes indivíduos se faz necessário, e para tanto, conhecê-los é de primária importância.

A despeito de quase a totalidade dos trabalhos terem sido realizados nos Municípios de Bauru e Agudos, o que pode ser concluído é que a região é uma área de ecótono entre Cerrado e FES, fato este que redobra a importância do conhecimento e conservação desta incomensurável riqueza genética. É oportuno lembrar, que em menos de 30 anos, 94% da vegetação na Região foi devastada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASSIS, P. F. *Melastomatóceas ocorrentes na área da nascente do Ribeirão do Pelindra, no Município de Agudos – SP*. Monografia Bacharelado em Botânica. Universidade do Sagrado Coração, Bauru. 1997.
2. BERTONCINI, A. P. *Composição florística e estrutura fitossociológica de uma área de cerrado no município de Agudos, SP*. Dissertação

- (Mestrado em Ciências Biológicas) – Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista de Botucatu, Botucatu, 1996.
3. CAMARGO, P. F. A. *Composição florística e estrutural fitossociológica de um remanescente de floresta estacional semidecidual submontana na Fazenda Santa Rita, no Município de Agudos – SP*. Tese (Mestrado em ciências) – Instituto de Biociências, UNESP, Botucatu, 1999. 118p.
  4. CAVASSAN, O. *Levantamento fitossociológico da vegetação arbórea da Mata da Reserva Estadual de Bauru, utilizando o método de quadrantes*. Tese (Mestrado Biologia Vegetal) – Instituto de Biociências, Rio Claro, 1982.
  5. \_\_\_\_\_. *Florística e fitossociologia da vegetação lenhosa de um hectare de cerrado no Parque Ecológico Municipal de Bauru - SP*. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, 1990. 206p.
  6. \_\_\_\_\_. O Cerrado do Estado de São Paulo. In: KLEIN, A. L. (org.). *Eugen Warming e o Cerrado brasileiro: um século depois*. São Paulo: Unesp, Imprensa Oficial do Estado. p. 93-97, 2002.
  7. \_\_\_\_\_. et al. Fitossociologia da vegetação arbórea da Reserva Estadual de Bauru, Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Botânica*, v. 7, n. 2, p. 91-106, 1984.
  8. \_\_\_\_\_. Levantamento fitossociológico do estrato arbustivo-arbóreo de uma área com vegetação nativa na fazenda Monte Alegre no município de Agudos – SP. Bauru, *Salusvita*, v. 12, n. 1, p 127-144, 1993.
  9. CHRISTIANINI, S. R. *Florística, fitossociologia e comparação entre critérios de inclusão em mata mesófila semidecídua no Município de Agudos, SP*. Tese (Mestrado em ciências) – Instituto de Biociências, UNESP, Botucatu, 1999. 113p.
  10. \_\_\_\_\_.; CAVASSAN, O. O estrato herbáceo-subarbustivo de um fragmento de cerradão em Bauru – SP. *Salusvita*. v. 17, n. 1, p. 9-16, 1998
  11. COMISSÃO DE SOLOS. *Levantamento de Reconhecimento dos solos do Estado de São Paulo*. Contribuição à carta de solos do Brasil. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas, Boletim n.12, 1960.
  12. CORAL, D. J. et al. Levantamento florístico do estrato arbustivo-arbóreo de uma área com vegetação nativa na região de Agudos – SP. Bauru, *Salusvita*, v. 10, n. 1, p. 01-18, 1990.
  13. CORREA, P. L.; PASCHOAL, M. E. S. *A flora arbórea do Parque Ecológico Açucena da Serra (Agudos, SP) como subsídio para a interpretação da natureza*. USC, 1998.
  14. FABRICANTE, J. R. *Caracterização florística e estrutural de uma área em sucessão secundária pós-corte raso de Pinus oocarpa Schiede no Município de Agudos, SP*. Monografia (Iniciação Científica) – Universidade do Sagrado Coração, Bauru, 2002.

FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
límitrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.



FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
límitrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.

15. FERRACINI, M. C. O. et al. Composição florística de uma área de cerrado no município de Bauru, *Salusvita*, v. 2, n.1, p.1-9, 1983.
16. GOODLAND, R.; FERRI, M. G. *Ecologia do cerrado*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. p 155.
17. INSTITUTO FLORESTAL. Instituto Florestal registra recuperação de 67.861ha de vegetação natural. Net, São Paulo, outubro de 2002. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br>. Acesso em: 12 dezembro 2002.
18. JOLY, A. B. *Botânica: introdução à taxonomia vegetal*. 12. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1998.
19. LEITÃO FILHO, H. F. Aspectos taxonômicos das florestas do estado de São Paulo. *Silvicultura em São Paulo*, v. 16A, n. 2, p. 197-206, 1982.
20. KOCH, I. et al. Levantamento florístico preliminar da vegetação lenhosa do Cerrado existente no campus de Bauru – Unesp. In: CONGRESSO NACIONAL DE BOTÂNICA, 43. 1990, Fortaleza. *Resumos...*, Fortaleza, p. 87, 1990.
21. KOCH, I. *Caracterização taxonômica dos representantes da família Apocynaceae na região de Bauru – SP*. Tese (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 1994.
22. MARTINS, F. R. *Estrutura de uma Floresta Mesófila*. Campinas: UNICAMP, 1991.
23. MARTINS, C. A.; CAVASSAN, O. Orquídeas do Parque Municipal Tenri, Bauru – SP. In: CONGRESSO SOCIEDADE BOTÂNICA DE SÃO PAULO, 11. 1996, São Carlos – SP. *Resumos...* São Carlos: [s.n], p.18, 1996.
24. MIRANDA, L. C. *Levantamento florístico e fitossociológico da vegetação de um trecho da Mata Ciliar localizado as margens do Rio Bata-lha no Município de Avai, São Paulo*. Botucatu, 2000. Tese Mestrado, 2000.
25. PASCHOAL, M. E. S. *Levantamento fitossociológico do estrato arbustivo-arbóreo de uma área com vegetação nativa na fazenda Monte Alegre no município de Agudos – SP*. Monografia de Iniciação Científica. Universidade do Sagrado Coração, Bauru. 1994.
26. \_\_\_\_\_.; CORREA, P. L. *Pelas trilhas do Jardim Botânico de Bauru*. Boletim cultural, Bauru, 1996.
27. \_\_\_\_\_.; MONTANHOLI, R. Levantamento florístico do estrato arbustivo-arbóreo de um fragmento de vegetação nativa no Campo Experimental da Universidade do Sagrado Coração, Agudos, SP. *Salusvita*, v. 16, n. 1, p. 161-74, 1997.
28. \_\_\_\_\_.; CAVASSAN, O. A flora arbórea da mata de brejo do Ribeirão do Pelintra. *Naturalia*, v. 24, p. 171-191, 1999.
29. SERRA FILHO, R. et al. *Levantamento da cobertura natural e de reflorestamento no Estado de São Paulo*. São Paulo, Instituto Florestal, Boletim Técnico, 11, 1974.

30. SOUZA, P. M. *Bromeliáceas do Parque Ecológico Municipal Tenri, Bauru, SP*, Monografia (Bacharelado em Botânica) – Universidade do Sagrado Coração, Bauru, 1993.
31. STRANG, H. E., Principais Regiões naturais do país e seus tipos de vegetação. *Boletim Geográfico*. v. 29, n. 217, jul./ago, 1970.
- FABRICANTE,  
Juliano Ricardo.  
Levantamentos  
Florísticos e  
estruturais em Bauru  
e municípios  
limítrofes nos  
últimos 20 anos.  
*Salusvita*,  
Bauru, v. 22, n. 2,  
p. 283-292,  
2003.